

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MUSEUS, GALERIAS E COLECÇÕES XXV. ÁLBUNS DE ARTISTAS.

VITORINO, Pedro

Ano: 1943 | Número: 53

Como citar este documento:

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e Coleções XXV. Álbuns de artistas. *Revista de Guimarães*, 53 (1-2) Jan.-Jun. 1943, p. 98-108.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Museus, Galerias e Colecções

XXV

Albuns de Artistas

Os pequenos livros, em geral de bolso, que acompanham os artistas nas suas digressões de estudo, ou lhes servem nas oficinas para lançar os primeiros delineamentos das idéias que ao espírito lhes acodem, — os «*carneis de croquis*» — são curiosíssimos testemunhos de labor e fontes incontestáveis de material histórico.

Elementos de trabalho dos possuidores, fôlhas pessoais, onde se reúnem concepções plásticas a amadurecer, perdem-se muitas vêzes na voragem do tempo por não lhes ser dado o devido acatamento.

Não constituem obras mas os rudimentos com que elas podem ser realizadas. Nenhum artista os dispensa.

Em cartões e em cadernos tinham, geralmente, todos os mestres plásticos mais consagrados, o costume de desenhar o movimento das figuras que lhes ocorriam ao espírito ou que na natureza se lhes deparavam. «Rafael possuía uma colecção desses desenhos, entre os quais escolhia a maior parte das vêzes as figuras que convinham às suas composições» (Sutter, *Philosophie des Beaux-Arts*).

O esbôço — *croquis* na designação francesa, cujo nome, procedente de *croquer*, comer depressa, foi adoptado entre os pintores para indicar a execução apressada, — é uma primeira idéia, lançada em linhas sumárias, como apontamento visual sugerido ou imaginado.

Nos albuns dos artistas aquilo que communmente se nos depara são cópias parcelares de obras dos

grandes mestres colhidas nos museus, projectos de trabalhos, ou impressões da natureza.

Conforme as épocas da vida dos autores — de aprendizagem ou de maturação — tais livros podem exprimir períodos definidos de certa importância biográfica. Sem dúvida, os mais atraentes são os que comportam planos de estudos ou concepções originais, relacionadas com as obras que a fama aureolou. Se tais esboços procedem de artistas de nomeada, então o interesse aumenta e pode alcançar para os amadores, mesmo, foros de veneração.

Mais do que qualquer produção literária — a não ser pelo autógrafo —, o desenho original obteve sempre, de modo particular, o acolhimento das pessoas entendidas e de gosto. Mas succede, também, poderem não corresponder as ligeiras obras à devoção que se lhes consagra, só motivada pela autoria; cai-se por vezes no exagero.

Já um escritor setecentista, Watelet, da Academia Francesa, a propósito se exprimia assim:

«Les *croquis* des grands artistes sont prises des curieux, comme les moindres reliques des saints sont recherchées par les dévots; aussi cette sorte de vénération, est-elle souvent poussée trop loin; car des griffonnemens qui ne désignent presque rien & des indications à peine reconnoissables de composition ou de parties de figure ne valent certainement pas plus l'affection de certains amateurs, & la vénération qu'ils exigent de ceux à qui ils les montrent, que certains fragmens apocriphes ne méritent les honneurs d'une chasse.»

Aponto a observação pelo seu tanto de pitoresca, e sem que pretenda tirar dela alguns ensinamentos imediatos.

Está fora do meu propósito, no momento, qualquer tentativa de análise pormenorizada; apenas desejo referir-me a vários «alburns de artistas» de que tenho conhecimento.

*

* *

Em pequeno número, infelizmente, esses livros de esboços respeitam a artistas de reconhecido mérito dos

séculos XVIII e XIX, todos êles tendo exercido a sua actividade na capital do norte: João Glama Ströberle, (1708-1792), José Teixeira Barreto (1763-1810), João Baptista Ribeiro (1790-1868), Francisco José Resende (1825-1893) e António Soares dos Reis (1847-1889).

Recolhidos no Museu uns dêles, outros na posse de particulares, dêsses valiosos documentos darei sumária notícia pela ordem das respectivas épocas.

Teremos, pois, em primeiro lugar os que respeitam ao celebrado pintor João Glama, artista lisbonense de origem alemã, que no Pôrto se fixou após o terramoto de 1755. Glama é o patriarca da arte da pintura na cidade do Pôrto, já pela vasta obra que produziu (sem as compensações materiais a que tinha jús, todavia), já pela influência exercida sôbre os artistas subseqüentes.

São três livros, de formato médio, com capa de pergaminho, os quais pude ver há anos, devido à muita amabilidade do possuidor dêles, o Ex.^{mo} Sr. Almirante Carlos Braga, do Pôrto, por intermédio do meu vêlho amigo Dr. Vasco Valente, illustre Director do Museu Nacional de Soares dos Reis.

Esses cadernos de desenhos, acham-se assim divididos: — um de estudos de Roma, cópias de quadros dos mestres, feitas em desenhos contornados à pena, com aguadas monocromicas; — outro de apontamentos e desenhos de retratos (quer do vivo, quer do morto) a lápis ou sanguínea, alguns apresentando rostos de grande finura e suavidade; — outro, ainda, com vistas e monumentos, da Itália e do nosso país; neste acham-se: uma vista do Castelo da Feira, um aspecto da entrada da rua Chã, no Pôrto, desde o lado do Norte, e a igreja românica de Vinhais (Trás-os-Montes).

O primeiro dos volumes tem o título seguinte, dentro de uma cercadura rectangular:

*Livro de Joao Estrebele | em q̄ trãta, das enmen-
das | dos sevs, mestres, con-de | mostracoiñs, dos sevs,
pẽ | samentos. A. D. MDCCXLII. Romae.*

Em nota, fora da cercadura, lê-se:

*João Ströbelle, depois João Glama. João Gla-
ma, a cifra antiga — ILE; agora IG [monogramas]
(fig. I).*

De entrada dá-nos o artista elucidativas notas bio-

gráficas, que reproduzo na íntegra, sem a totalidade das abreviaturas, mas com a ortografia do original :

«O motivo principal q tive o fazer este livro, alem de querer conservar os meus primeiros pensamentos e juntamente con elles descrever os preceitos dos meus mestres. quero demostrar a differença grande q há do meu primeiro e unico mestre em Roma a

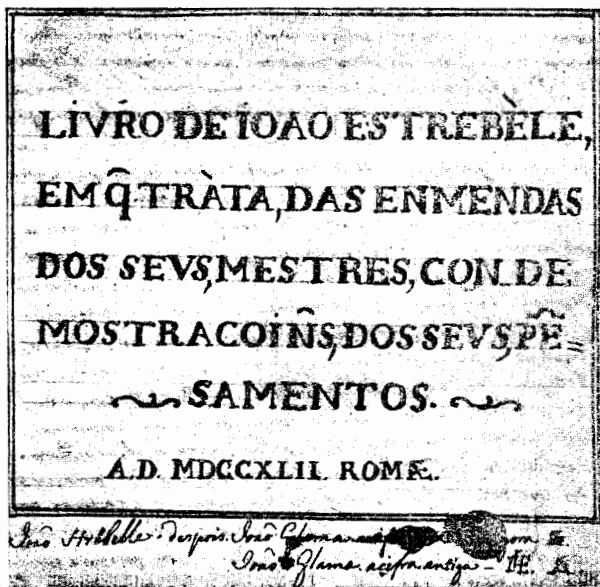


Fig. I — Portada de um dos livros de João Glama Ströberle. 1642.

quem siguo que hé o cavalheiro Marcos Benefial ao Mestre presente Agostinho Marcuci pois sem duvida tenho diversa stimação pella vastidade de novas Ideas de compor e pronteza de obrar, no outro tanta falta á neste e a demonstração o faz ver pois nunca se parte dos meus pensamento e pouco muda e o servem as suas obras as quais aprovão esta minha verdade pois outra couza não hé q hum misto composto de furtos e o q hé seu se conhece por ser meschino e açoins molles e femininas sem sprito. pareseme neseste dar resão da mudança de mestres aparentemente. no ano 1734 stando em Lisboa minha Patria a studar de baixo da direção do Snr. Francisco Vieira ecelente pintor e tendo empregado seis annos con

varios mestres fui stimulado do Snr. Caetano Páce Romano scultor de vir a Roma eu desejozo do meu aumento fis con meu Pai me dêssem licenxa e o sustento necessario e tudo consegui falei com o Snr. Francisco Vieira para q mi avizasse quem era o melhor pintor pois não me fiava na minha openião q sem duvida erraria se quisesse fiarme de apparencia e stimação q dão os principes e Snrs q muitas vezes premeião quem menos merece pois conhecem a virtudes pellas orelhas. finalmente parti de Lisboa e cheguei a Roma a 18 de Outubro 1734 e fui ao dito Benefial a estudar donde stive sette annos e gozava o Patrocinio do P.º R.º Frei José d'Evora Ministro del Rei nesta corte con a morte de meu Pai e a hida do dito P.º a Lisboa fui obrigado de hir a Lisboa a ordem e custo do dito P.º e stive dous meses e tornei a Roma a mesma e custa do Snr. Alexandre de Gusmão con a condição de estudar com Marcuci neste modo foi preciso segundar a vontade destes Snrs.»

Por esta importante nota biográfica se vê que João Glama estudou em Lisboa durante seis annos com Vieira Lusitano, e que em Roma teve dois mestres, Benefial (1684-1764) e Marcuci. Glama considerava aquelle como seu «primeiro e único mestre», conquanto o outro lhe fôsse imposto pelos seus protectores e teve de o aceitar; porém nunca o estimou.

De entre os desenhos de composição separo um deles, deveras apreciável (Fig. II), onde o artista pôs a seguinte nota: «Este pensamento já he enmendado dos dous mestres e o primeiro meu pensamento não tinha os dous meninos, e o anjo grande abaixava a cabeça e o q se vê é parecer de Benefial q Marcuci era contente do primeiro pensamento».

O comentário a estas auto-informações, — inéditas —, de um dos livros de João Glama, consta de trabalho meu ácêrca do artista, que aguarda publicação.

Entre as ofertas feitas ao Museu Portuense logo nos primeiros tempos da sua fundação, mencionadas pelo director interino João Baptista Ribeiro na *Exposição Historica da creação do Museo Portuense* (1836) conta-se a seguinte: «Dois livros de estudo desenhados e anotados por José Teixeira Barreto na sua viagem de Roma a Veneza, e d'esta a Pádua, no anno de 1795: obras mui interessantes para as Artes» (Doc. N.º 25).

Fôra ofertante João dos Santos Mendes, de quem não possuo quaisquer indicações, pessoa que mostrou compreender bem o papel de um museu — na salvaguarda de valores artísticos — pelo acto benemerente que praticava. Contudo enganou-se; o museu trau-o.

Quando para o meu trabalho sôbre José Teixeira Barreto (1925) procurei os referidos livros soube não haver no Museu simples memória deles.

Anos depois aparecia à venda um livro de desenhos de Teixeira Barreto que o devotado director do



Fig. II — Estudo de João Glama, feito em Roma.

Museu de Soares dos Reis, Dr. Vasco Valente, houve por bem adquirir. Volvia assim ao antigo lugar — com visíveis sinais de maus tratos — um dos livros de estudos do pintor beneditino, cujo ante-rosto indica ser o N.º 2.

E' um livro de fôlha inteira, um tanto volumoso, resguardado com capas de cartão, onde na portada, a tinta, se lê:

Dezenhos de Jose Teixeira Barreto | Dezenhou em Roma anno de 1796.

Na mesma página foi colada uma água-forte, impressa a côr sanguínea que representa Judith com a

serva recolhendo a cabeça de Holofernes, assim subscrita: *anno de 1796. Jose Teix.^a*.

Isto era quanto o autor do livro deixara de sua mão.

Mas outros se julgaram no direito de lá pôr os seus nomes, atestando, assim, o estranho fadário do volume por lugares diversos daquele que, assisadamente, lhe fôra destinado em 1836.

Aí vemos os acréscimos seguintes, a tinta:

«Este livro he de Manuel da Fonseca Pinto, Professor de Escultura da Academia Portuense de Bellas Artes».

«Porto 13 de Outubro de 1882. Hoje pertence a Antonio Pe.^r d'Abreu porque o comprei a sua filha D. Maria».

Na fôlha anterior, posta a lápis, há ainda esta indicação: «oferecido por Antonio Diogo a Miguel G. Pereira».

Abstenho-me de quaisquer comentários que me poderiam suscitar os registos de «propriedade»...

O livro contém desenhos, apenas delineados nos traços principais, feitos à pena, de côr sanguínea, representando estátuas e figuras da antiga Roma.

De João Baptista Ribeiro tive em meu poder um livro de desenhos e notas escritas, que ofereci com outros objectos dêsse artista ao Museu de Soares dos Reis no 1.^o Centenário da fundação do Museu Portuense, completado a 11 de Abril de 1933.

O livro, de formato médio, forrado a carneira, tem um «super-libris» ornamental, em redondo, com as letras e labores dourados e o nome *João Baptista Ribeiro*. Encontra-se um tanto deteriorado por ter caído em mãos de creançada (de cujo gáudio compartilhei) na casa onde pertencia, faltando-lhe algumas fôlhas. Nêle se vêem esboços a lápis e uma série de flôres pintadas a *gouache*, de finura miniatural que são pequenas maravilhas, de inexcedível perfeição; algumas destas, apenas começadas, mostram-nos os processos técnicos do pintor. Encerra também uma colecção de motivos ornamentais a negro (tinta e aguada) e a côres, alguns dos quais constituem grinaldas com frutos diversos, de belo efeito decorativo (amoras, medronhos, morangos, uvas, pêras, pêssegos,

ameixas, etc.) que creio terem sido estudos das pinturas com que o próprio João Baptista, ainda em pleno cêrco da cidade (1832-1833) ornou as paredes da casa da rua Bela da Princesa (hoje de Santa Catarina) onde habitava, as quais desapareceram quando o prédio, por morte do pintor, passou a outros donos.

Entre os poucos livros de notas e de desenhos que pude obter da filha do pintor Francisco José Resende (alguns dos melhores tinham sido dados a parentes) há um «Album», dourado por fôlha, onde êsse professor da Academia Portuense de Belas Artes, recolheu curiosos apontamentos de Braga, Guimarães e Gerez. Estas e outras localidades do Minho eram muito freqüentadas pelo artista, que sempre que podia abalava do Pôrto, em busca do ar e da luz provincianas, sem desdenhar as caminhadas a pé. Fazia quilómetros, parava, observava e colhia apontamentos. O caderno e o lápis andavam sempre no bôlso; surpreendia aspectos que fixava no papel. Dos seus livros de notas e impressões, quer do país quer do estrangeiro, Espanha, França e Itália, podiam fazer-se vários volumes.

Francisco José Resende, romântico e sentimental, dáva-se às letras, exprimindo, por vezes, na prosa a emoção experimentada perante os cenários da natureza. No «Album», que mostra as datas de 1858 e 1859, (quando o artista andava pelos 35 anos), encontram-se exemplos disso; um dêles é uma tirada de character filosófico intitulada «Senhora da Penha», escrita, como diz, «à sombra desta penedia tremenda», que lhe suscitara também o lápis de artista em impressivos esboços, de forma panorâmica, ocupando todo o livro aberto; os desenhos da Penha foram feitos a 20 de Junho, entre as 7 e as 11 horas da manhã; num dêles vê-se um tocador de viola, tipo de estúrdio, de pé num penhasco, com ouvintes atentos, onde há estas notas: *Entrada p.^a a Capelinha da Penha. Era o divertido Eduardo, de Barcelos, que tocava.*

Apaixonado da arte do povo, Resende dá-nos variadas notas etnográficas: registarei duas, de Guimarães: um carro de bois destinado a mostrar os seus elementos construtivos, e um traje; deter-me-ei neste. E' uma figura de leiteira, desenho aguarelado com

estas características crónicas: lenço vermelho, chale azul, saia cinzenta, avental côr de rosa e chinelas carmezim. É natural que êste tipo de traje popular esteja em desuso, pelo que aqui se reproduz êsse desenho, que tem a seguinte legenda: *Costumes populares. Leiteira de Guimaraens* (Fig. III).

No mesmo «Album» acha-se uma poesia autógrafa escrita por um espanhol *Juan Munné*, e datada de «Guimaraens, 21 Junio 1858», sem titulo, com a dedicatória *A mi Amigo F. J. Resende*. O autor dela, encontrado casualmente com o artista, ficou seu amigo, pelo que Resende lhe pediu uns versos para o «Album». O poeta — que não sei quem seja — queixa-se de sua «suerte tan cruel» e remata assim os versos:

*Y de tu patria querida
Al disfrutar el encanto
no olvides; ay! mi quebranto
ni mi amargo padecer.*

Do grande Soares dos Reis, vi há uns vinte anos em Viana-do-Castelo, na casa do falecido Professor das Escolas Industriais Serafim Neves diversas fôlhas de album com desenhos, metidas em caixilhos entre dois vidros, para se poderem observar ambas as faces delas. Mais tarde por morte dêsse professor, que trabalhou na oficina do eminente estatuário vilanovense, êsses desenhos foram adquiridos para o Museu de Soares dos Reis.

O escultor Augusto Santo trazia geralmente consigo o seu livrinho de esbôços — o tradicional caderno com capa de linho provido de um anel de pano para conter o lápis, de fabrico estrangeiro, muito usado então pelos artistas. Várias vêzes vi êsse infelizmente escultor, cuja palidez mórbida se casava intimamente com o negrume do vestuário que usava, sentado nos bancos do jardim de S. Lázaro, do Pôrto, embrulhado num varino de Aveiro, a contemplar alguns dos desenhos que o seu espirito fremente mas insatisfeito lançava no caderno predilecto.

Nalguns dos livros de esbôços de meu pai, o pintor Joaquim Vitorino Ribeiro, em grande parte, do tempo passado em Paris, ainda inteiros, e em fôlhas

isoladas de outros já desfeitos, encontro várias idéias iniciais de trabalhos que vieram a ter execução definitiva.

Os cadernos dêsse género, como documentos biográficos, não são dos que oferecem menor interêsse



Fig. III — *Leiteira de Guimarães.*
Desenho de Francisco José Resende. 1858.

de estudo. Suponho rarearem, porque, muitas vezes, os próprios artistas lhes ligaram pouco valor.

Nem sempre êstes albuns são fáceis de identificar, quando neles não existem os dados indispensáveis. Está nestas condições um dêles, em meu poder. Creio-o dos meados do século XIX. De forte encadernação, fabrico francês, tem várias alças desconstradas, que, uma vez colocado o lápis, fecham o livro. O autor encheu-o todo dos mais variados desenhos, geralmente de feição caricatural, em grupos

macissos de figuras, monótonas e nem sempre felizes; mas uma ou outra composição é apreciável. Oferece uma particularidade: vê-se até meio num sentido e daí em diante no inverso por ter sido também começado a desenhar do fim. Singularidades de artista...

Quási todos os canhenos de desenhadores mostram-se desordenados na disposição das figuras ou dos quadros. E' que os artistas para não deixarem escapar a idéia que num momento lhes surge fixam-na onde acerta, sem a menor preocupação de ordem ou de lugar. São fôlhas de intimidade para uso particular dos autores.

Apesar de isso não será profanação conhecê-las e analisá-las.

Da dissecação do cadáver colhe proveito a Ciência; para o melhor aprazimento da Arte necessário é penetrar nos segredos daqueles que a têm criado.

PEDRO VITORINO.